



AS FAMÍLIAS DOS LIBERTOS NOS REGISTROS PAROQUIAIS DA FREGUESIA DE SÃO SALVADOR (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 1800-1830)

Fernanda Pereira dos Santos, Márcio de Sousa Soares.

A partir de inúmeras pesquisas de autores como Roberto Guedes, Cacilda Machado e Márcio Soares, entre outros, é possível analisar em inúmeros aspectos, a participação dos escravos e forros na construção da sociedade brasileira. Estes autores destacam a importância das relações sociais construídas pelos cativos e libertos, em busca da mobilidade social, estabilidade econômica e social, num período de muitas incertezas. O estudo que se encontra em andamento, usando como metodologia a quantificação, comparação e cruzamento de dados e a Micro-História italiana, tem como objetivo, analisar as relações sociais desenvolvidas através do compadrio, pelas famílias de forros de Campos dos Goytacazes entre os anos de 1.800-1.830, através dos registros paroquiais de batismo da Freguesia de São Salvador, onde é possível encontrar forros buscando a mobilidade social escolhendo para seus filhos, padrinhos hierarquicamente superiores. Mas, para que a pesquisa seja possível, é preciso, segundo Martha Hameister, conhecer o conjunto das relações para escapar das armadilhas dos homônimos. A forra parda Tereza Maria Jesus, apesar de possuir um nome comum, tem o nome de seus pais no registro de batismo de seu filho. Ela é filha de Antônio Rodrigues e Joana Maria Barbosa, diferenciando-se de seus homônimos. Em 1.806, Tereza, juntamente com o forro pardo Elias José Silva, filho de pai incógnito e mãe Paula Maria, convidaram para ser padrinho de seu primeiro filho Vicente, o Vigário João Rodrigues Aguiar, a madrinha foi Nossa Senhora das Dores. A segunda filha do casal teve como padrinho Manoel Pinto Neto Cruz e Tereza Maria Azevedo, não consta títulos a nenhum dos dois, talvez esse compadrio tenha ocorrido para consagrar uma amizade, o que segundo Cacilda Machado, significa que o compadrio também era uma forma de consolidar laços de amizade. Os libertos buscavam através do compadrio, consolidar a liberdade e ascender socialmente sua família. Mas a preferência por padrinhos livres não significava que os ex-cativos cortassem totalmente a ligação com seu passado na senzala, escravos e pessoas sem títulos também apadrinhavam filhos de livres, caracterizando, uma rede de relações sociais almejando a sobrevivência.

Palavras-chave: Mobilidade social, Compadrio, Relações sociais.

Instituição de fomento: FAPERJ, UFF.